

# Entre crises: o que fica e o que muda nas notícias televisivas sobre energia

ANA HORTA

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa  
ana.horta@ics.ul.pt

## Abstract

Given the importance of prime time television news to the formation of public opinion, and the need for citizens to be aware of the challenges that the country currently faces due to the crisis of the energy paradigm, this paper analyzes the news coverage of energy by the main news program of Portuguese public television (RTP1). Two periods were analyzed: the first half of 2006, which was considered a period of energy crisis, due to continued raising oil prices, and another six months period, from November 2008 to April 2009, when oil prices fell considerably.

The paper concludes that, despite the RTP1 prime time news report the oil crisis less frequently and with less emphasis than private television news, most of energy coverage is focused on oil prices. Energy issues' framing is mainly reduced to the impact of raising oil prices on consumers and its potential damage to the economy. Therefore, the complexity and magnitude of this thematic tend to be represented in a narrow way. In the second period analyzed, there were signs of change such as the approach of the connection between energy and climate change and the need for increasing energy efficiency.

*Keywords:* energy, crisis, television. News, media coverage.

## 1. Emergência da crise energética como um problema social

A energia desempenha um papel crucial no desenvolvimento económico. Efetivamente, o processo histórico de industrialização e desenvolvimento do Ocidente teve como base a utilização maciça de energia fóssil. Este processo assentou nos pressupostos de abundância energética e fornecimento de energia barata. De facto, tendo-se demonstrado a existência de uma correlação entre o consumo de energia de cada país e o respectivo Produto Interno Bruto *per capita* (Linden 1966), a abundância energética tem sido considerada um motor do progresso económico e social, pelo que os governos têm procurado desenvolver políticas que assegurem o fornecimento de energia em abundância e a baixos custos a todos os consumidores.

Porém, nos últimos anos as questões relativas à energia começaram a ocupar uma posição destacada na agenda política nacional e da União Europeia, bem como nas da maioria dos países. A atenção dada a esta temática deve-se não só à crise petrolífera recentemente vivida, como também à crescente relevância económica do sector da energia, ao processo de liberalização em curso do mercado energético, ao recente desenvolvimento de inovações tecnológicas (especialmente no domínio das energias renováveis), e ainda ao consenso generalizado em torno da necessidade de rápida mudança para um novo paradigma global de produção e consumo de energia. Efectivamente, a conjugação de diversos factores conduziu a que na actualidade seja visível a crise do paradigma energético que tem acompanhado o desenvolvimento económico mundial. Entre estes factores destacam-se o contínuo crescimento da procura de energia, acentuado pelas economias emergentes como a China e a Índia; o facto de as principais reservas petrolíferas estarem localizadas em regiões politicamente delicadas, agravado por estas terem passado a ser dominadas por companhias nacionais; a utilização dos recursos energéticos como arma geopolítica (como sucede, por exemplo, no caso do fornecimento de gás à Ucrânia pela companhia nacional da Rússia); ou a forte especulação financeira no mercado dos produtos petrolíferos. Um outro factor consiste na visibilidade crescente da temática das alterações climáticas no espaço público. A disseminação pública da evidência científica da relação entre o aquecimento global e as emissões de CO<sub>2</sub> resultantes da queima dos combustíveis fósseis tem pressionado a assinatura e a revisão de acordos internacionais para redução das emissões de gases com efeito de estufa (como por exemplo o Protocolo de Quioto), ou a adopção de novas orientações nas políticas energéticas, como as promovidas pela União Europeia.

Assim, por diversas razões, nos últimos anos as questões energéticas adquiriram saliência em arenas públicas como as governamentais, da indústria, dos media, das comunidades científicas ou das organizações não governamentais. Mas dada a complexidade e multiplicidade de ângulos de abordagem destas questões, importa saber como – e se, efectivamente – estas questões se traduzem na percepção por parte da generalidade da população de constituírem um problema social. E, caso isso aconteça, de que modo é publicamente construído e definido esse problema. Será definido como uma questão de segurança nacional, perante dificuldades a nível geoestratégico no abastecimento de energia? Ou como uma crise de carácter económico, pelo acentuado aumento de preços da energia? Ou ainda como um problema ambiental, face às consequências climáticas deste paradigma de produção e consumo de combustíveis fósseis? Como uma crise nacional ou global?

No domínio da percepção pública dos problemas, os media, e mais especificamente o campo jornalístico, desempenham um papel importante. O processo através do qual uma questão ganha visibilidade pública e é definida como um problema social não é simples. A relativa proeminência de um problema social num dado momento

não corresponde necessariamente aos problemas objectivamente mais sérios, nem reflecte simplesmente os níveis de preocupação pública, sendo fortemente influenciada pelo sucesso das actividades de promoção da atenção pública sobre a questão desencadeadas por parte de políticos ou grupos de pressão ou de interesse (Anderson 1997). O papel destes porta-vozes é fundamental, quer nos problemas à escala nacional, quer nas crises à escala global. Com efeito, é o modo como as fontes definem, verbalizam e tematizam os problemas através dos media que permite que aqueles se tornem preocupações públicas e objectos de mobilização e acção política (Cottle 2009; Lenoir 1989). Porém, as fontes e grupos que se apresentam como porta-vozes dos problemas sociais têm capacidades diferenciadas de acesso à expressão pública através dos media. Além disso, o próprio modo como estão organizados os processos de selecção e produção de informação pelos media também influencia a construção dos problemas sociais no espaço público. Efectivamente, o enquadramento noticioso da informação depende até certo ponto do modo como esta é categorizada em função de ideias pré-concebidas e de divisões do trabalho dentro das organizações jornalísticas (Anderson 1997). A produção da informação jornalística consiste num processo regido por práticas profissionais tipificadas de descontextualização, recontextualização e objectivação da realidade (*cf.* Saperas 1993), pelo que a construção social da realidade através dos *media* obedece a rotinas de produção e recorre a esquemas interpretativos, tornando-se importante identificar as orientações – valores e práticas – que presidem à selecção e apresentação pública dos temas mediatizados. Numa revisão dos estudos sobre a produção jornalística de informação, Shoemaker & Reese (1996) identificaram diversos tipos de factores que influenciam os conteúdos noticiosos, desde factores ideológicos e macro-sistémicos a características individuais dos profissionais dos media, incluindo também rotinas de produção de informação, questões organizacionais e influências externas aos media.

O facto de a crise energética, apesar de todas as idiossincrasias do contexto do país, não estar confinada às fronteiras nacionais, tendo uma dimensão global, tem ainda implicações na cobertura informativa que se prendem com os processos de construção social de que é objecto pelos media a nível internacional. A este respeito, diversos autores têm referido a influência nas notícias produzidas de determinismos de mercado, de interesses ocidentais e de visões dominantes, embora alguns também refram indeterminações culturais e caos (Cottle 2008). Porém, como sublinha Simon Cottle (2008), a investigação sobre a cobertura pelos media das crises globais tem-se centrado em tópicos como as crises políticas internacionais, guerras, o terrorismo ou as alterações climáticas, ignorando outras crises, como é o caso da energética, pelo que continuam por analisar as dinâmicas e determinantes da informação jornalística sobre uma crise com consequências tão abrangentes como esta. Ora, este tipo de análises tornam-se especialmente pertinentes na medida em que, como diz Ulrich Beck (2009), estas crises globais são construções sociais, ou seja, estão fortemente dependentes do

modo como são publicamente definidas e contestadas, o que leva a que sejam as lutas por essas definições que determinam que riscos se tornam visíveis ou invisíveis junto do público. Deste modo, o que se torna conhecimento público é essencial para que os indivíduos possam avaliar os riscos e lidar com eles (Beck 2009).

## 2. Metodologia

Nesta perspectiva, foram considerados três pressupostos. Em primeiro lugar, o de que tem vindo a formar-se um consenso generalizado em torno do reconhecimento da urgência da mudança para um novo paradigma de produção e consumo de energia. Em segundo lugar, o de que os noticiários televisivos de *prime time* desempenham um papel crucial na informação e mobilização da população para o desenvolvimento de estratégias que permitam fazer face aos desafios actuais. Em terceiro lugar, foram tomados em consideração os resultados de um estudo realizado pelo OberCom (Horta 2007) que indicam que em tempo de «crise petrolífera» (primeiro semestre de 2006) os telejornais nacionais adoptaram uma cobertura do tema redutora e centrada no custo de vida. Com base nestes pressupostos, procurou-se responder à questão de, num período posterior, em que já não se assistia ao dramatismo da «crise petrolífera», o que mudou na produção de informação sobre energia.

Para isso recorreu-se a uma análise de conteúdo do principal noticiário do serviço público de televisão: o *Telejornal* da RTP1. A selecção deste noticiário deveu-se desde logo à possibilidade de acesso aos registos das emissões através do portal na internet da RTP, já que nem a SIC nem a TVI disponibilizam um arquivo dos conteúdos dos seus noticiários de modo integral por esta via. Um outro factor aconselhava a selecção do *Telejornal*: na análise comparativa dos três principais noticiários realizada em 2006 (Horta 2007) foram observadas diferenças significativas na cobertura da energia entre televisão pública e privadas. Com efeito, verificou-se que foi o noticiário da RTP1 aquele em que «crise petrolífera» foi noticiada de modo mais objectivo, já que na SIC e TVI registou-se maior ênfatização e dramatização do tema. Porém, o *Telejornal* foi também aquele que menos frequentemente reportou a «crise petrolífera» de 2006 (Horta 2007).

Os tempos estabelecidos para a análise permitem a comparação da cobertura noticiosa da energia pelo *Telejornal* em dois períodos de seis meses, correspondentes, em primeiro lugar, a uma fase considerada de “crise energética” (Janeiro a Junho de 2006) e, em segundo lugar, a uma fase “normal” (Novembro de 2008 a Abril de 2009). Nestes dois períodos, todas as peças relacionadas com alguma forma de energia foram seleccionadas e codificadas, integrando uma base de dados que depois foi sujeita a análise de conteúdo.

### 3. Mediatização das questões energéticas

Na mediatização televisiva das questões energéticas três campos de significados têm predominado: capacidade técnica, riscos e escassez/custo. Com efeito, segundo Luísa Schmidt (2003: 287-293), nos programas emitidos nos primeiros anos da televisão portuguesa a energia surge representada em associação à modernidade e ao desenvolvimento técnico e científico, mas também aos riscos da sua utilização, sobretudo os decorrentes da proliferação do armamento nuclear e dos derrames de petróleo no mar. Com o assomar das crises petrolíferas dos anos 70, desenvolve-se o terceiro campo de significados, centrado na escassez e necessidade de poupança pelos elevados custos, que, ao contrário dos anteriores, relativamente distantes e abstractos, está associado a um registo com impacto directo na vida quotidiana individual (Schmidt 2003: 293-297). Assim, entre 1973-74 e 1979-81, os telejornais portugueses dão muita atenção à informação sobre o petróleo, sobretudo no que diz respeito a «produção», «preços» e «embargos», mas também às medidas de restrição ao seu consumo que visavam fazer face à crise petrolífera (*Ibid.*: 297). “O termo “energia” e a percepção pública da sua noção passam, assim, na década de 70, a estar associados à noção de crise e esta à de a gasolina ser pouca e cara” (*Ibid.*: 299). Deste modo, na mediatização da energia destaca-se uma perspectiva económica, centrada principalmente no mercado, e nos custos, do petróleo. A partir da segunda crise petrolífera, com a estabilização dos preços dos combustíveis, a atenção televisiva às questões energéticas diminui consideravelmente; inclusivamente as energias alternativas, que foram objecto de diversos programas durante as crises petrolíferas, são reduzidas a uma expressão residual (*Ibid.*: 304-308).

Na imprensa escrita, embora a partir da segunda metade da década de 80 se tenha assistido à emergência da especialização de jornalistas nos assuntos económicos, a cobertura das questões energéticas permanecia escassa; porém, a partir de meados dos anos 90, o iniciar da liberalização do sector energético criou a necessidade de uma crescente produção de noticiário neste domínio, acompanhada do desenvolvimento da oferta de informação corporativa e estratégica – produzida pelos próprios técnicos de comunicação das empresas do sector – pelo que surgiram os primeiros jornalistas especializados nestas questões. Desenvolve-se então a cobertura jornalística da energia, mas numa perspectiva marcadamente empresarial, ou seja, centrada em aspectos relacionados com investimentos. Com efeito, estes jornalistas estão circunscritos às secções de negócios e economia dos jornais. Recentemente, porém, tem-se desenvolvido a percepção por parte dos *media* da necessidade de uma cobertura mais abrangente – não estritamente económica – sobre as transformações em curso no paradigma energético (Horta 2008).

Toda esta evolução é visível essencialmente nos jornais, já que são estes os meios que dispõem de mais espaço para publicar informação e, conseqüentemente, não só

dispõem de redacções mais amplas e estão organizados em secções editoriais, o que torna possível uma especialização temática dos jornalistas, como também podem dirigir-se a públicos mais restritos e com interesses específicos. Efectivamente, esta informação de carácter empresarial apenas ocasionalmente é dirigida ao grande público televisivo. Assim, compreende-se que a cobertura dos assuntos relacionados com a energia por parte dos telejornais portugueses, tal como foi observado entre 1957 e 1995 (Schmidt 2003), fosse de um modo geral residual. Cobertura noticiosa semelhante tenderá a ocorrer nos Estados Unidos, onde, de acordo com Eric Smith (2002), as questões energéticas geralmente recebem curtas rajadas de atenção por parte dos media durante as crises e as falhas no abastecimento, mas não uma cobertura sustentada que vá além da perspectiva empresarial. Com efeito, excepto em períodos de crise energética, para o grande público as questões relacionadas com a energia parecem ser consideradas pouco interessantes, já que se trata de assuntos tendencialmente complexos cuja compreensão pode exigir algum conhecimento especializado.

Este padrão da produção de informação mediática está relacionado com os valores-notícia que presidem à selecção dos assuntos relacionado com energia. Como diz Hartley 1982: 75-76), para que os acontecimentos sejam vistos como tendo noticiabilidade, além de terem de ser conhecidos e reconhecidos pelos jornalistas como provenientes de uma fonte que lhes inspire confiança, têm de obedecer a determinado número de critérios. Mas têm também de competir com as restantes notícias do dia pela sua inclusão no número disponível de peças a publicar. Os valores-notícias podem assim ser definidos como atributos que os jornalistas consideram que dão a determinados acontecimentos o potencial para transformar os factos em histórias interessantes ou relevantes para o público (McQuail 2003: 345).

Com base na lista dos principais valores-notícia referidos por Denis McQuail (2003: 345-347), na actualidade as questões energéticas parecem ter noticiabilidade por diversos factores. Em primeiro lugar, pela grande dependência e proximidade dos diversos agentes sociais (a nível do Estado, das empresas ou da população) relativamente à energia, dado que toda a actividade do país implica consumos energéticos – embora isso apenas se torne visível em alturas de crise, como aquando de acentuadas subidas do preço dos combustíveis. Um outro factor consiste precisamente no dramatismo do impacto dos preços dos combustíveis no custo de vida e na economia em períodos de crise petrolífera. Um terceiro factor diz respeito à notoriedade e ao peso económico das empresas do sector (como a GALP, EDP ou REN), que estão entre as maiores do país. Deve ainda considerar-se a relevância do investimento que tem sido feito nos negócios das energias renováveis. Um outro factor, associado sobretudo à energia nuclear diz respeito à polémica em termos políticos, económicos e ambientais quanto à possibilidade de construção de uma central de produção. Ainda um outro

factor diz respeito à negatividade associada à dependência externa, às emissões poluentes e às ameaças e riscos provenientes da produção e utilização de energia.

A conjugação destes factores parece explicar a atenção que em anos recentes tem sido dada pelas televisões às questões energéticas. Efectivamente, no primeiro semestre de 2006, as questões energéticas apresentaram um nível de noticiabilidade relativamente alto nos principais telejornais nacionais, o que se deveu principalmente à crise petrolífera – com uma acentuada escalada dos preços dos combustíveis, que inclusivamente atingiram máximos históricos – mas também a outros assuntos, como a polémica internacional em torno do programa nuclear do Irão, a liberalização do mercado energético em Portugal e o debate público sobre a introdução da energia nuclear em Portugal (Horta 2007). Com efeito, na análise do OberCom sobre a produção de informação sobre energia nos telejornais de horário nobre da RTP1, SIC e TVI durante o primeiro semestre de 2006 verificou-se que 68,5% das edições daqueles noticiários incluíram pelo menos uma peça sobre energia (Horta 2007).

De seguida apresentam-se os principais resultados da análise comparativa entre a produção de informação pelo *Telejornal* da RTP1 neste período considerado de crise e num outro, também com seis meses de duração, em que embora se fizesse sentir a crise económica e financeira, não pode considerar-se crítico quanto ao custo da energia.

#### 4. Continuidade e mudança na mediatização das questões energéticas

Da comparação entre estes dois períodos torna-se imediatamente evidente a diferença no número de notícias emitidas pelo *Telejornal*. Se os assuntos relacionados com energia foram objecto de particular atenção por parte do principal noticiário da televisão pública nos primeiros seis meses de 2006, tendo representado 2,8% do total das notícias então transmitidas, isto é, 178 peças, no período entre Novembro de 2008 e Abril de 2009, essa proporção não ultrapassou 0,8%, o que se corresponde a 49 peças.

No primeiro período, o *Telejornal* chegou a emitir nove peças sobre energia numa só edição, tendo diversas vezes sido emitidas quatro e três peças; já no segundo período, apenas numa das edições do *Telejornal* se atingiram três peças sobre questões energéticas. Outra diferença observada diz respeito à posição das peças sobre energia no alinhamento dos noticiários: no primeiro período, 25,8% das notícias foram inseridas até à sexta posição, enquanto no segundo período 59,2% das notícias situaram-se em posições a meio do *Telejornal*, entre a 9ª e a 27ª posição do alinhamento. Um outro indicador a considerar, o destaque dado a estas peças revela que, no primeiro período, os assuntos relacionados com energia foram mais frequentemente incluídos na abertura do *Telejornal* (11,8%, em vez de 6,1% no segundo período) e anunciados durante o noticiário com uma frequência bastante superior (14%, em vez de 4,1% no segundo período).

Estas diferenças parecem dever-se sobretudo à existência de uma «crise petrolífera» no primeiro período analisado. No segundo período, não se tendo registado uma subida dos preços do petróleo, o dramatismo do seu impacto no custo de vida da população e na economia não podia contribuir para a noticiabilidade da energia. De facto, neste período, foram noticiadas mais frequentemente descidas do que subidas no preço dos combustíveis; porém, a estas notícias falta-lhes o valor informativo que os jornalistas tendem a atribuir à negatividade (Traquina 2002; McQuail 2003).

Um outro tema que contribuiu significativamente para a atenção dada pelo *Telejornal* às questões energéticas no primeiro semestre de 2006 consistiu na polémica internacional em torno da implementação de um programa de produção de energia nuclear por parte do Irão. A este respeito, o *Telejornal* distancia-se dos noticiários da SIC e da TVI, uma vez que tende a dar mais atenção à actualidade internacional (ERC 2009; Brandão 2006). Com efeito, no conjunto dos noticiários de *prime time* da RTP1, SIC e TVI do primeiro semestre de 2006, 51,2% de todas as notícias sobre energia com uma temática internacional foram transmitidas pelo *Telejornal*; e, concretamente a respeito a questão da energia nuclear no Irão, o *Telejornal* transmitiu precisamente metade (50%) do total de notícias, enquanto o noticiário da TVI transmitiu 36% e o da SIC 14% (Horta 2007).

Em contrapartida, naquele período, o noticiário da RTP1 transmitiu menos peças sobre a crise petrolífera que os das televisões privadas: no *Telejornal* a proporção destas peças não ultrapassou 29,7% do total, enquanto na SIC atingiu 33,3% e na TVI 37%. Estas diferenças estão em parte relacionadas com o facto de nas televisões privadas, mesmo após a inversão da tendência de subida dos preços do petróleo, o tema ter continuado a ser objecto de notícias, quer abordando a ameaça que a situação representava para a economia nacional e para o custo de vida da população, quer sugerindo medidas práticas para economizar combustível, o que correspondeu a uma opção jornalística por dar continuidade a um tema com forte impacto, directo ou indirecto, no público. Subjacente a esta opção parece ter estado uma estratégia de aproximação ao público (Jespers 1998), visando captar a atenção das audiências. Um outro dado evidencia que o *Telejornal* deu menos relevância à crise petrolífera que os noticiários das televisões privadas: enquanto na SIC 57,5% das notícias sobre energia que foram apresentadas na abertura do *Jornal da Noite* eram relativas ao aumento do preço dos combustíveis, na TVI essa proporção foi de 43,8% e na RTP1 de apenas 23,8%.

Quando comparados os temas das peças relacionadas com energia apresentadas no *Telejornal* nos dois períodos analisados, verificam-se continuidades mas também mudanças. A continuidade mais significativa diz respeito à atenção dada ao preço do petróleo. Apesar de este noticiário dar relativamente menos atenção a este tema do que os das televisões privadas, o preço do petróleo constituiu um núcleo de sentido



central na mediatização da energia pelo *Telejornal* no primeiro semestre de 2006. E no segundo período analisado, apesar de os preços do petróleo terem descido mais do que subido, esse foi o principal tema reportado. Assim, se no primeiro período apenas 15,7% (correspondentes a 28 casos) do total de notícias sobre energia reportavam subidas no preço dos combustíveis, no segundo período 30,6% das peças (15 casos) referiam descidas no preço e 10,2% (5 casos) referiam aumentos. Estes dados indicam assim que o preço dos combustíveis continua a prevalecer na representação jornalística da energia através da televisão. Este centramento no preço dos combustíveis não estará relacionado apenas com a problemática do custo de vida, parecendo associar-se também à forte valorização social da “automobilidade”, ou seja, de uma utilização do automóvel que é constitutiva e central à modernidade e que se tornou o modo dominante da mobilidade mecanizada (Dennis & Urry 2009).

Uma segunda continuidade observada diz respeito à atenção dada ao anúncio de projectos de investimento na produção de energia, que no primeiro período corresponderam a 10,2% das notícias exibidas e, no segundo período, corresponderam a 8,2%, demonstrando o interesse jornalístico por investimentos que previsivelmente serão não só lucrativos como irão contribuir para o desenvolvimento da oferta de energia.

Quanto às mudanças observadas na cobertura jornalística da energia nestes dois períodos, parece ter sido dada mais atenção à dimensão ambiental das questões energéticas, registando-se um salto quantitativo e qualitativo nas notícias sobre as alterações climáticas no segundo período. Com efeito, se no primeiro semestre de 2006 não foram observadas peças que abordassem privilegiadamente a relação entre energia e alterações climáticas, no segundo período 6,1% do total as peças centravam-se nesta questão. Por outro lado, enquanto as peças emitidas nos primeiros seis meses de 2006 apresentavam as medidas para minimizar as alterações climáticas como um problema, um “travão ao crescimento” económico, no período de Novembro de 2008 a Abril de 2009, as alterações climáticas e as emissões de gases com efeitos de estufa por parte das energias fósseis já são apresentadas como uma “causa” nobre, um “caminho” a seguir, como mostram os seguintes exemplos de títulos de notícias exibidas.

- (1) *Telejornal*, RTP1, 2 Junho 2006:  
*PROTOCOLO DE QUIOTO É TRAVÃO. Basílio Horta diz que cotas aceites por Portugal são forte entrave ao crescimento.*
- (2) *Telejornal*, RTP1, 1 Maio 2006:  
*FUTURA REFINARIA DE SINES EM RISCO. Falta de licenças de dióxido de carbono está a dificultar as negociações.*
- (3) *Telejornal*, RTP1, 24 Dezembro 2008:  
*O caminho para uma energia mais limpa pode passar por imitar a fotossíntese. Tal como as plantas transformam a energia do sol em energia química [...].*

- (4) *Telejornal*, RTP1, 15 Fevereiro 2009:  
*AQUECIMENTO GLOBAL. 400 autarcas assinam em Bruxelas Pacto contra o Aquecimento Global.*
- (5) *Telejornal*, RTP1, 28 Março 2009:  
*DIA DE APAGÃO. Portugal adere a medidas contra as alterações climáticas.*

Um outro indício de mudança parece ser a inclusão no *Telejornal* de peças que apelam à eficiência energética, como por exemplo, a 16 de Fevereiro de 2009 (“APRENDA A POUPAR. Evite abastecer em horas de calor e conduza com janelas fechadas”). Se bem que no primeiro semestre de 2006 peças deste tipo tivessem sido observadas, foram emitidas pela SIC ou pela TVI e tratava-se de um período de crise petrolífera. O facto de a RTP1 apresentar estas peças num período de descida dos preços dos combustíveis poderá revelar uma maior sensibilidade ao problema da eficiência energética.

## 5. Notas finais

Uma primeira nota final consiste em reafirmar a especificidade do *Telejornal* da RTP1. Efectivamente, os dados relativos ao primeiro período de análise, que permitem a comparação deste noticiário com os das televisões privadas, mostram estarmos perante noticiários que seguem modelos distintos, com implicações na cobertura das questões energéticas. Essas implicações traduzem-se por exemplo numa frequência mais reduzida de notícias sobre a crise petrolífera ou numa cobertura mais atenta de questões internacionais como o programa nuclear do Irão, entre outros factores (*cf.* Horta, 2007).

Em segundo lugar, importa referir que, apesar da mudança do contexto de 2006 para 2009, é visível que a cobertura jornalística mantém-se focada na questão do preço dos combustíveis, como ângulo central na abordagem das questões energéticas. No entanto, no segundo período analisado foi possível identificar alguns indícios de mudança, quer na perspectiva com que foi referida a relação entre a energia e as alterações climáticas, quer na abertura ao tema da eficiência energética.

Para terminar, sugere-se que nas notícias televisivas sobre energia, a subida do preço do petróleo tende a constituir o enquadramento dominante, não só pelo impacto económico em todos os sectores de actividade e praticamente todos os agentes sociais, e consequente dramatismo, como também pela elevada dependência da sociedade relativamente ao petróleo e aos sistemas de transporte motorizados. Assim, parece ser na ausência deste quadro de subida do preço do petróleo que emergem outros enquadramentos noticiosos, como o da necessidade de energias mais limpas

ou a mobilização internacional contra as alterações climáticas. Nesta perspectiva, este tipo de cobertura noticiosa parece ser reveladora do conflito latente entre os valores e os estilos de vida dominantes na estrutura social, e característicos do actual modelo dominante de produção e consumo de energia, e a necessidade de mudança de paradigma energético, sobretudo no que diz respeito à redução do consumo de energia.

## Referências

- Anderson, Alison (1997). *Media, Culture and the Environment*. London: UCL Press.
- Beck, Ulrich (2009). *World at Risk*. Cambridge: Polity Press.
- Brandão, Nuno Goulart (2006). Os telejornais – encontros quotidianos com a actualidade e para a construção social da realidade. Comunicação apresentada no *IX Congresso IBERCOM*, disponível em <<http://www.hapaxmedia.net/ibercom/pdf/GoulartBrandaoNuno.pdf>>.
- Cottle, Simon (2009). Global crisis in the news. *International Journal of Communication*, 3: 494-516.
- Dennis, Kingsley & John Urry (2009). *After the Car*. Cambridge: Polity Press.
- Entidade Reguladora para a Comunicação Social (2009). *Relatório de Regulação – 2008*. Vol. II. Lisboa: ERC.
- Greenberg, Michael, Peter Sandman, David Sachsman, & Kandice Salomone (1989). Network Television Coverage of Environmental Risks. *Environment*, 31 (2): 16-20; 40-44.
- Hartley, John (1982). *Understanding News*. London: Routledge.
- Horta, Ana (2007). A Mediatização da Energia nos Telejornais. Análise do primeiro semestre de 2006. Working Report 9. OberCom. Disponível em <<http://www.obercom.pt/client/?newsId=30&fileName=wr9.pdf>>.
- Horta, Ana (2008). The production of news about energy as an environmental issue. *Communication Policies and Culture in Europe. ECREA Barcelona 2008. Programme, Abstracts, Posters and Papers*. Barcelona: ECREA.
- Jespers, Jean-Jacques (1998). *Jornalismo Televisivo*. Coimbra: Minerva.
- Lenoir, Remi (1989). Objecto sociológico e problema social. In: Patrick Champagne, Remi Lenoir, Dominique Merllié & Louis Pinto, *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Vozes, 59-106.
- Linden, Henry (1996). The evolution of an energy contrarian. *Annual Review of Energy & Environment* 21: 31-67.
- McQuail, Denis (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Schmidt, Luisa (2003). *Ambiente no Ecrã. Emissões e demissões no serviço público televisivo*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Smith, Eric (2002). *Energy, the Environment and Public Opinion*. Lanham: Rowman & Littlefield.
- Shoemaker, Pamela & Stephen Reese (1996). *Mediating the Message: Theories of Influences on Mass Media Content*. New York: Longman.
- Traquina, Nelson (2002). *Jornalismo*. Lisboa: Quimera.

